



COMUNICADO



COIMBRA, 19/1/71

REPRESSÃO E REFORMA: as duas faces de uma política

I— Os estudantes de Coimbra ferão, hoje e amanhã da parte da manhã, greve activa às aulas.

Os estudantes de Coimbra recusam através dessa greve a continuação dos processos disciplinares a três estudantes de Faculdade de Direito e a consequente não homologação de dois deles que foram eleitos para os corpos seguintes da A.A.C..

A greve que ferão, hoje e amanhã da parte da manhã, resulta também da compreensão dos graves acontecimentos que em Lisboa e no Porto fazem da luta do cad. K&S&S a luta de todos os estudantes portugueses na defesa dos seus interesses comuns.

Não homologação em Coimbra a prisão pelo P.I.D.E.-E.S.V. em Lisboa, busca a mesma finalidade.

Reuniões proibidas no Porto e Associações encerradas em Lisboa são diversas faces da mesma política.

As governos sempre foram indesejáveis as A.A.C. e todas as outras estruturas estudantis. E mais indesejáveis se tornam se elas definem para si próprias métodos de gestão e funcionamento democrático. E mais indesejáveis se tornam se elas não a expressão da maioria que se preferem silenciadas e inócuas. E intoleravelmente indesejáveis se tornam se a exposição que têm de luta e se os objectivos que intencionam prosseguir, põem a IM de algum modo os interesses que defende e os interesses que sempre uma dada política de governo.

II— Não é à toa que um nome como o de Veiga Simão aparece assim a brilhar no conjunto político nacional. Não é à toa que uma imprensa subserviente vem desde há tempos desenvolvendo uma campanha publicitária destinada a exaltar o nome de Veiga Simão, a prestigiar o governo de Marcelo Caetano. Hávia que preparar artificialmente o cenário para o país que ia ser representado. E o governo tinha a promoção necessitada de se tornar principal protagonista da tal peça...

Com efeito, se o povo português, se os estudantes portugueses, começam a resistir a certa política tradicional, essa resistência pode vir a pôr em pg

rigo os interesses que em tal política encontram abrigo. É, pois, preciso afirmar-se que se abandona a política tradicional. É, pois, preciso alterar-se um pouco as regras do jogo para no fundo se continuar a fazer o mesmo jogo.

Veiga Simão anunciou a reforma mas a sua reforma nasceu com medo de ser reforma. É que Veiga Simão sabe que reformar o ensino implica alterações estruturais profundas e que essas alterações não convêm a certos interesses que a lógica do sistema o obriga a representar. Mas as regras novas de um jogo antigo precisam de ser aplicadas. E então encena-se:

Quando Veiga Simão anuncia a reforma, ele, ao mesmo tempo, sorri e invectiva. Com a maior desfaçatez, dá lugar à opinião e à voz dos estudantes, lugar à voz dos trabalhadores, lugar aos interesses das maiorias oprimidas.

III- Mas o artifício da encenação não comporta a dureza da realidade. Reforma não comporta Repressão. Bem depressa a cruza dos acontecimentos que se sucedem denuncia o carácter demagógico de que a actuação governamental enfermava. O aniquilamento da voz dos estudantes e o desprezo governamental pela sua vontade, a natural inoperância de sindicatos-fantoches, as Associações encerradas, as prisões em série, os processos disciplinares, as reuniões proibidas, os tiros, as cargas selváticas da polícia, tudo são factos bem demonstrativos, que penetram bem fundo na consciência das pessoas, de que o governo não está, no fundo, disposto a retroceder nem um palmo na política repressiva que sempre usou para com os estudantes.

IV - Porquê a brutalidade de tal repressão simultaneamente com os oficialmente anunciados bons propósitos do governo ?

O governo receia que os estudantes denunciem a "falácia" da Reforma, que denunciem em que no Projecto da Reforma a gestão da Universidade fica a pertencer a todos menos aos estudantes, que insinuem que a discussão da Reforma do ensino nunca poderá ser feita enquanto a censura e todo o controle de manifestação de ideias existirem, que demonstrem que a possibilidade prática de realização da Reforma é uma incerteza...

O governo sabe que as estruturas estudantis são desde já as únicas instituições organizadas capazes para denunciar à opinião pública tudo isto. Por isso, ao mesmo tempo que anuncia a Reforma o governo reprime-as para as silenciar.

V -- E assim a opinião pública nacional resultaria favorável ao governo. Veiga Simão dirige a essa opinião pública certas afirmações. O Ministro do Exército também. Para este a Universidade é um foco de subversão a esmagar. Para aquele os dirigentes estudantis são os agitadores, maiorias só as silenciosas, e graves, como actuações e lutas colectivas dos estudantes, são coisas que não existem. Em todo o País as organizações estudantis começam a ser reprimidas, reuniões são proibidas, a polícia invade as Universidades, estudantes são presos. Reprimo-se para se poder impor ao País a Reforma - a única, a boa, a milagrosa.

VI - Resistir é a única opção para os estudantes. Reagirem massivamente é a única possibilidade de se defenderem. A sua experiência da luta advertio-os de que um grave atentado está sendo perpetrado contra o M.E. e contra aquilo por que ele desde há tanto tempo vem lutando: uma autêntica e democrática Reforma da Universidade.

As três Academias já responderam do único modo correcto. Luta-se nelas denodadamente pela imposição dos pontos de vista estudantis. Depois das Universidades de Lisboa e do Porto, a de Coimbra é também gravosamente atingida pela repressão e imediatamente lhe dá resposta que as circunstâncias exigem.

A greve, hoje e na manhã de amanhã, é etapa importante na luta por uma Reforma autêntica e por um reforço das posições dos estudantes a nível nacional.

LUTEMOS CONTRA A REPRESSÃO

DENUNCIEMOS A DEMAGOGIA GOVERNAMENTAL

ORGANIZEMO-NOS E CRIEMOS A UNIVERSIDADE DOS ESTUDANTES PORTUGUESES

A direcção GERAL